

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA

ILUSTRADA
COM CÊRCA DE
15.000 GRAVURAS



VOLUME XI

EDITORIAL ENCICLOPÉDIA, LIMITADA
LISBOA RIO DE JANEIRO

de carnes e frescos», (*Diário de Notícias*, 1.^a pág., 2.^a col., de 7-IV-944. (Do germ. *frisk*; cp. al. *frisch*, ingl. *fresh*).

BEL.-ART. **Pintura a fresco**: Género pictórico realizado com tintas minerais (as de natureza orgânica seriam corroidas pela cal), dissolvidas em água, sôbre o rebôco fresco das paredes, não feito com gesso, que determinaria o perdimento das pinturas, no qual se encorporam. O seu bom êxito depende da composição da argamassa (rebôco ou indumento), que deve ser adequada a receber as tintas próprias, assim como da segurança e da brevidade da execução. Com efeito: 1.^o, as tintas são rapidamente absorvidas pelo rebôco e tal impede o correjimento de qualquer defeito ou êrro (por isso, muitas vezes, enquanto o artista pintava, um ajudante aspergia a parede com água, para evitar que secasse depressa); 2.^o, as tintas perdem intensidade depois de sêcas, não sendo possível calcular a diminuição da mesma e por isso, a pintura deve ser feita por partes e cada uma com a rapidez possível, as tintas

que a feita a óleo. Todavia, não propicia a vista de perto; só à distância determina os efeitos adequados. A expressão *pintura a fresco* (*pintura de fresco* foi a usada por Francisco de Holanda) aplicou-se, extensivamente, à pintura mural feita a encáustica ou cera, a óleo e à estereocromica ou pintura silenciosa (modernamente criada pelo dr. J. Fucks, de Munique). Este género pictórico foi, decerto, o primitivo, como comprovam alguns monumentos da Índia, alguns templos e hipogeos egípcios, os túmulos etruscos de Caere e Vulci. Na Grécia também seria empregado visto Pausanias aludir a pinturas em Poecile e Leschê. O conjunto de frescos das catacumbas romanas (constituem precioso e notável elemento da arte cristã) é, talvez, o mais importante das épocas orientais e clássicas (sôbre êle cf. *Diction. d'archéologie chrétienne et de liturgie*, vol. V, 2.^a parte, p. 2.604 a 2.639, de Dom Cabrol e H. Leclercq, mais o *Manuel d'archéologie chrétienne*, II, 133, de Dom H. Leclercq, 1907); depois, será o da capela da necrópole

de El-Bagouât, no Egipto, cujos frescos têm analogias com os das catacumbas. Em Roma pintou-se também a encáustica e Hermógenes foi um dos que assim pintaram. Plínio, na *História Natural*, 36, p. 176, deixou receitas de *pintar a fresco* e a encáustica; mais tarde, também Vitruvius as registou na obra *De architectura*, VII, 3, 5 a 8. O amplo uso da *pintura a fresco* principiou a declinar depois da paz da Igreja e a ser suplantado pelo do mosaico, valor característico do estilo bizantino. Porém, no séc. VI, (1.^a metade, Childerico de bons frescos encheu a abadia de St. German des Prés (Paris). Do mesmo século são os do baptistério de S. João de Poitiers. A divulgação do estilo românico fomentou-lhe nova fase de prosperidade, a qual magnificamente se prolonga pela Renascença, mormente na Itália. Efectivamente, de fresco muito se pintou na Idade-Média, visto as largas e suas paredes facilitarem tal ornamentação. O gótico, devido à redução das paredes, eliminou-a, menos na Itália, onde êsse estilo, havido como bárbaro, muito pouco se propagou. A partir do séc. XVII, pela concorrência do azulejo, novo declínio sofreu a *pintura a fresco*, até hoje duradouro, salvo casos esporádicos. A Itália, em especial do séc. XIV ao XVII, foi a terra clássica do fresco; nela obras notabilíssimas e bellissimas cobriram os interiores de igrejas, palácios e hospitais. É lá, pois, que o estudo dessa arte, italiana por excelência, pode effectuar-se cabalmente, desde a dos frescos etruscos e pompeanos e os das catacumbas aos medievais de Cimabui (1240-1301) e de Giotto (séculos XIII-XIV), na igreja e no convento de Assis, em Florença, Roma e na capela de arena em Pádua; de Ambrosio e Pietro Lorenzetti (séc. XIV), no cemitério de Pisa; de Orcagna (1308-69), no cemitério de Pisa; de Benozzo Gozzoli (1420-98) em Orvieto, aos da Renascença de Miguel Ângelo (1475-1564) na capela Sixtina, à Ceia de Leonardo da Vinci (1452-1510), uma das principais obras primas do género, a Rafael (1483-1520), nas *loggias* do Vaticano e no palácio Chigi, a Corregio (1494-1534), na



«O Padre Eterno entre os Profetas e Anjos músicos». (Fresco da igreja de Outeiro Sêco)

devem ser de côres intensas, preparadas na quantidade necessária para toda a pintura a realizar e experimentadas antes da aplicação, a fim de se avaliar o grau da perda de intensidade. A goma das tintas aplicáveis é restrita, porque nem todas são capazes de se ligarem com a cal, sem prejuizo. Abrange as seguintes: ocre, negro, verde esmeralda, azul celeste, cinábrio ou vermelho e cinzento de cádmium. A parede a pintar deve preparar-se com duas camadas de argamassa, depois de bem molhada: a 1.^a, grossa (areia bem lavada e cal bem queimada), pelos italianos chamada *arricisto*, para na sua superfície áspera e rugosa bem se fixar a outra — sôbre ela, depois de sêca, aplica-se a segunda; de areia fina e cal, pouco espessa e de superfície muito alisada, chamada *intonaco*. Nesta se gravam os contornos das figuras a pintar, com punção (nos frescos de Pompeia e Herculano são visíveis os traços do mesmo). As pinturas podem ser previamente desenhadas em cartões, que, depois de quadriculados, se transportam para as paredes por meio do punção. É de maior duração esta pintura



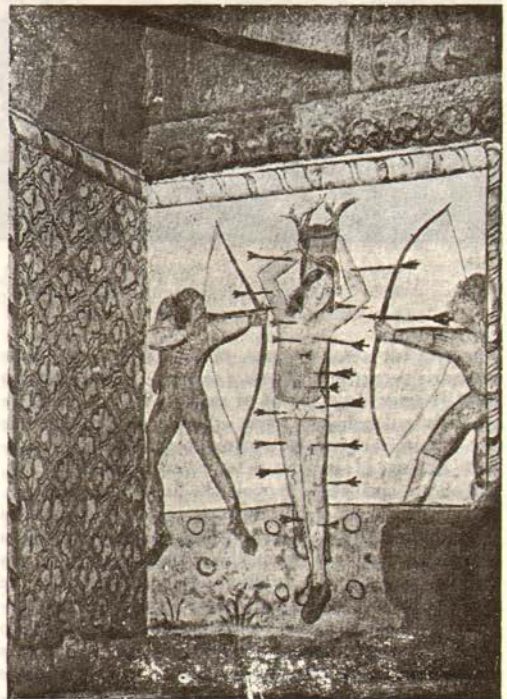
«A Virgem com o Menino». (Fresco da igreja de Bravães)

catedral de Parma, aos de Aníbal Caracci (1560-1609), no palácio Farnesio, superiores na técnica aos anteriores, e aos do séc. XVIII e XIX, no florescimento do estilo Império (Cf. *Diction. portatif de peinture*, Dom Pernetti; *Traité sur la peinture*, Bernard du Puy du Grez, 1699; *Eléments de peinture*, de Piles; *Introduzione alle tre arti del disegno*, Vasari, no prefácio da *Vite*). Na França pouca voga logrou o fresco, apesar das obras de Mignard e doutros, porque a tapeçaria e o vitral estavam muito arraigados nos costumes. No entanto, da época românica devem citar-se os frescos da igreja de St Sarrin (séc. XI, 1.^a met.). Na Espanha distinguiram-se como bons artistas Goya e Berruguete. Em Portugal (cf. *A pintura a fresco em Portugal nos séculos XV e XVI*, Vergílio Correia, 1921) bastante larga foi a sua difusão no período do séc. XIV ao XVI, com influências da escola flamenga (mais forte e permanente) e da italiana. Desapareceu a mor parte dessa obra, a qual, pelo pouco subsistente, se revela ora *delicada e suave*, tal nos frescos de Travanca, ora *rude e popular*, como nos de Tabuado. *As desenhadas esquemáticamente, como na gravura, preenchidas de cor a seguir, as linhas e pregas da indumentária acompanhadas a pinceladas enérgicas, vincando e sombreando. Constituiu ela o sedimento tradicional, menos erudito e modernizado, da pintura portuguesa* (Vergílio Correia). Restos de frescos, maiores ou menores, existem os das igrejas românicas de Santiago-de-Coimbra, de S. Martinho-de-Mouros (Resende), de Barcos (Tabuaço), do Outeiro-Sêco (Chaves) e Bravães (Ponte-da-Barca), de S. Cristóvão-de-Lordelo, em ruínas (Felgueiras), de Cerzedelo (Guimarães), de Travanca e Tabuado (Marco-de-Canavezes), de Lelim (Lamego), de Escamarão (Sinfães), de Valadares (Baião); os das capelas da Conceição (Arcos-de-Valdevez), de Gonçalo Carvalho (na capitular de S. Francisco-de-Guimarães, sobre os quais ver *A degolação de S. João Baptista de Alfredo Guimarães*, 1942), da capela do claustro da Oliveira de Guimarães; os do palácio real de Sintra, da charola da igreja de Cristo de Tomar, etc. Os de Bravães e do Outeiro-Sêco estão no Museu de Arte Antiga e no Museu de Soares Reis, do Pôrto. Há memória, entre mais, dos da igreja de S. Cristóvão de Coimbra, do claustro da Oliveira de Guimarães, da igreja de S. Romão-de-

-Arões (Fafe), da de Santa-Eulália-de-Pentieiros (Guimarães), etc. Divulgou-se que a pintura mural da Senhora da Rosa, na igreja de S. Francisco do Pôrto, obra do séc. XV, que José de Figueiredo vulgarizou e atribuiu a António Florentim, era um fresco. Na classificação houve erro, o qual em 1926 foi registado por Carlos de Passos, no Pôrto (Monumentos de Portugal). Na verdade, é uma pintura a têmpera (encáustica). Modernamente podem citar-se os frescos de Martins Barata, no Palácio da Assembléa Nacional. O *Regimento dos Pintores*, em 1572, no 5.^o artigo, assim regulava a prática dessa arte: «E o que de tempera ou fresco quizer usar fará em parede a fresco e em pano ou tabua a tempera figura ou lavor romano ou grotesco querendo usar de tudo e fazendo o sobredito ficará examinado de todas as cousas na dita pintura de tempera ou fresco».

HIPIAT. Bôca fresca: Diz-se da bôca do cavalo quando masca o freio e se apresenta espumosa ligeiramente.

METEOR. Diz-se do vento quando sopra com uma certa intensidade. Pela escala Beaufort, o vento *fresco* apresenta-se de pequena vaga e com muita carneirada. Este vento dá aos navios de vela um bom andamento com o pano todo.



«Martírio de S. Sebastião». (Fresco da igreja de Bravães)

NÁUT. Dizem-se *frescos* os géneros que se metem à última hora a bordo antes de um navio partir para viagem, tais como: carne, peixe, hortaliças, etc., e que são para serem consumidos nos primeiros dias por serem



«S. Sebastião e S. Roque». (Fresco da igreja de Bravães)

de fácil deterioração, se não houver frigorífico para os conservar.

TIP. Em gíria tipográfica, o trabalho executado pelo operário compositor e que não foi metido em conta de fêria.

FRESCOBALDI (Jerónimo). Célebre organista e compositor italiano, n. em Ferrara em 1583, m. em Roma em 1643. É considerado o fundador da moderna escola de órgão, sendo também notáveis os progressos que imprimiu à música de clavicórdio. As suas principais obras são: *Tocatas e Partitas, Flores musicais, Ricercari e Caprichos*.

FRESCOR, s. m. Ar fresco, frescura, fresquidão: «O frescor da noite e a serenidade do céu... acalmaram ânimo agitado do cavaleiro», Herculano, *O Bôbo*, cap. 4, p. 70. ♦ Viço, côr viva, vivacidade, beleza, vigor: o frescor das plantas: «Aos vinte e oito anos não invejava o frescor das suas quinze primaveras», Camilo, *O Esqueleto*, cap. 1, p. 14. ♦ Verdor; brilho. força: «Vejo por aí muitos mancebos, alquebrados no frescor da vida», Camilo, *Enas Contemporâneas*, p. 211. ♦ Lenitivo, refrigerio.

FRESCUM, s. m. *Prov. beir.* Cheiro de carne fresca. ♦ *Prov. dur.* Cheiro de peixe fresco: «O fundo da catraia escorrega cheio de água, e daquela vida que se debate, misturada e calcada, cheirando a frescum», Raúl Brandão, *Os Pescadores*, p. 33.

FRESCURA, s. f. Qualidade de fresco. Ar frio moderado, frescor; aragem fresca: «Nesta frescura tal desembarcavam já das naus os segundos Argonautas», Luís de Camões, *Os Lusíadas*, IX, 64; «Inácio Mioma gozava a tarde de junho à sombra da latada que cobria de frescura o pátio antigo e o tanque», Aquilino Ribeiro, *Terras do Demo*, II, cap. 2, p. 205. ♦ Bom estado de conservação, de produto recentemente colhido, recebido, que ainda não está sêco, passado, avariado, podre: a frescura dos ovos, da carne; «num cabazinho... dispus seis pêsseços aveludados, de cobiçável frescura», Camilo, *Coração, Cabeça e Estômago*, p. 53. ♦ Viço, verdor; colorido vivo: «Correm quintas... tôdas ricas de bosques, e pomares... com que a mor parte do ano mantém o vale uma frescura e verdura perpétuas», Luís de Sousa, *História de S. Domingos*, II, 2, cap. 3, p. 92; «A cidade... sesteava à sombra magra daquela pobre frescura vegetal», Henrique Galvão, *O Velo de Ouro*, cap. 2, p. 17. ♦ Vida, animação, vivacidade: «a comédia e o auto de Gil Vicente, criações ingénuas, mas a palpitante frescura e carácter», Ricardo Jorge, *Sermões dum Leigo*, p. 193. ♦ Mocidade, brilho, viço da juventude: «passa a frescura da idade em dous dias, e quando não nos precatamos somos na velhice», Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Eufrosina*, IV, 2, p. 205; «D. Cândida enviuvou... de um marido velho, que lhe deixou boa casa, e muita frescura de anos», Camilo, *Doze Casamentos Felizes*, p. 15. ♦ *Prov. minh.* Asseio; limpeza. ♦ *Prov. minh.* Roupa branca; bragal, roupa de casa. (Cf. *A Águia*, X, p. 128). ♦ *Pop.* Chulice, dito fresco, malicioso. ♦ Maneira um tanto brejeira de falar ou de escrever.

FRESE, s. m. *Gal.* Lima redonda de relojoeiro. ♦ Placa fina, que serve para serrear as rodas dos relógios. ♦ Ferramenta que tem forma de um cone de revolução provido de arestas cortantes, espécie de broca. (Do fr. *fraise*).

FRESCH-WATER BAY. Nome dado nas cartas inglesas ao pôrto do Carriçal, da ilha de S. Nicolau, Cabo-Verde.

FRESIA, s. f. BOT. Género (*Freesia Klatt.*) de iridáceas, da subfamília das ixióideas, tribo das watsonieas, que compreende 3 espécies da África-do-Sul, muito cultivadas como ornamentais, e para a produção de flores. São plantas bolbosas, de folhas lineares, escapo florífero delgado, terminado em espiga mais ou menos horizontal, de flores, com o perianto afunilado-assalveado, muito aromáticas.

FRESNEL (Agostinho João). Físico francês, n. em Broglie em 10-V-1788 e m. em Ville d'Avray em 14-VI-1827. Filho de um architecto, desde muito novo mostrou grande aptidão para as ciências exactas e aos 16 anos entrou na Escola Politécnica. Os seus primeiros estudos são sobre a polarização da luz, dos quais em 1814 publicou um trabalho. As suas descobertas no domínio da óptica foram de uma importância capital para o progresso das ciências no séc. XIX. No terreno das ciências applicadas deve-se igualmente a Fresnel o aperfeiçoamento e a criação de alguns aparelhos importantes. Desde 1823 pertenceu à Academia das Ciências de Paris; em 1825 foi admitido na Sociedade Real de Londres e em 1827 esta concedeu-lhe a medalha fundada por Rumford. Os seus principais trabalhos foram publicados nos *Annales de chimie et physique* e nas *Mémoires da Academia das Ciências*. As suas *Obras completas* foram publicadas pelo Governo francês, em 3 tomos (Paris, 1866-1870). O nome de Fresnel acha-se ligado intimamente a tôdas as questões da óptica física.

FÍS BIPRISMA e espelhos de Fresnel: A obra